CONTOS E LENDAS

DE CRIANÇA PARA CRIANÇA

SIPURIM VEAGADOT

סיפורים ואגדות



בית-ספר ישראליתה ברזילאי
אנחנו מאמינים בכוכב שלכם

COLEGIO israelita BRASILEIRO
A gente acredita na sua estrela.

OS CONTOS E AS LENDAS PRESENTES NESTE EBOOK FORAM RETIRADOS DE DIVERSAS FONTES LITERÁRIAS E RECONTADOS PELOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I



COLÉGIO ISRAELITA BRASILEIRO
2014

Superintendência

Superintendente Geral

Mônica Timm de Carvalho

Superintendente Adm. Financeira

Roseli Jacoby

Superintendente Acadêmica

Márcia Beck Terres

Professores de Educação Judaica:

Luciane Zylbersztejn
Nora Faria Heidt
Sônia Schwetz
Vivian Abrevaya de Wernick
Victor Freiberg

Projeto:
Concepção do projeto - Ilana Finkielsztejn Eilberg
Projeto Gráfico - Iury Carmo de Melo Wald
Revisão de Língua Portuguesa - Elin Lautert

Produção:
Núcleo de Informática- Iury Carmo de Melo Wald
Luis Carlos Peters Motta

Coordenadora Adm. Pedagógica - Márcia Schuster Bastianello
Coordenadora Educacional - Graziela Pereira Lopes
Coordenadora da Educação Judaica - Ilana Eilberg
Coordenador de Educação Física e Esportes - Carlos Eduardo Berwanger
Coordenadora de Dança - Elana Wainstein Fridman



Mantenedora

Sociedade de Educação e Cultura Porto Alegrense

Presidente:

Fernando Schnaid

1º Vice-Presidente:

Adriane Kiperman Rojas

2º Vice-Presidente:

Daniel Matone

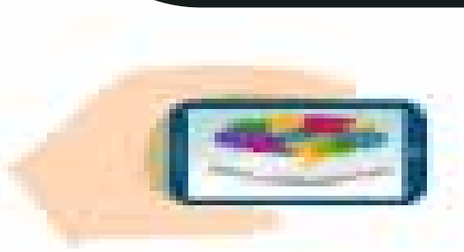
Diretores:

Artur Bacaltchuk
Cristiane Bisch Piccoli
Daniel Burd Schneider
Eduardo Goldsztein
Fernando Menda Tornaim
Jairo Blumenthal
Leandro Melnick
Márcio Starosta
Ricardo Heineberg
Luciana Mabilia Martins - Diretora convidada
Luciene Simões - Diretora convidada

Conselho Fiscal:
Marcelo Gus - Presidente
Gerson Fischmann - Conselheiro
Ilana Finkelstein - Conselheira
Pedro Simão Gus - Conselheiro
Ruggero Levy - Conselheiro
Jarbas Milititsky - Conselheiro convidado
Suzana Wofchuck - Conselheira convidada

Conselho de Pais

Cristiane Bisch Piccoli - Presidente
Lisiane Amon - Vice Presidente
Fabiana Perondi - Secretário



APRESENTAÇÃO

Pelo segundo ano consecutivo, nossos pequenos leitores se transformam em contadores, preservando viva, mais uma vez, a tradição oral e escrita do povo judeu. Em uma proposta diferenciada, os alunos do Fundamental I, a partir da leitura de diferentes contos e lendas judaicas e da reescrita coletiva de textos, ilustrados por eles, elaboram um livro digital (e-book): Sipurim VeAgadot (Contos e lendas). Assim, a tradição de se contar histórias, de geração a geração, (Dor LeDor) está novamente presente no Colégio Israelita Brasileiro.

Ilana Finkielsztejn Eilberg
Coordenadora de Educação Judaica da Educação Infantil e Ensino Fundamental I do Colégio Israelita Brasileiro



T11 O Macaco travesso

T12 UM presente para o Beit HaMiKdaSH

T21 O casamento da FiLHa de Rabi AKiva

T22 "AS três perguNtaS"

T31 Abrãao deScobre DeuS

T32 UMa questão de Vida ou Morte

T41 "Dia após dia"...

T42 José o HOMeM que aMava o SHabat

T51 E taLVez MaiS aLto...

T52 O Mar de açúcar que Se tranSFOrMOu eM Mar de SaL

SUMÁRIO



O MACACO TRAVESSO



TURMA 11

Amanda Luzzatto Cassou
Arthur Milnitsky Gensas
Beatriz Estivalet Knijnik
Bruno Roitman Janovich
Carolina Lompa Fiterman
Clara Camargo Waldman
Eduardo Fridman Vargas
Elisa Lersch Maltz
Felipe Andrade Procianoy
Gabriela Barcellos Lewgoy
Giovana Elman Casagrande Machado
Isabela Naiditch Berger
João Homero Peruffo Turkenicz
Joel Kahan Fischmann
Laura Cardon Souza
Lívia Trois Nhuch
Lucas Ledermann
Lucas Lermann Costa
Manuela Isdra Rajchenberg
Mariana Gregol Zimmermann
Martina de Oliveira Melnick
Mel Levenzon Rosenthal
Nicole Cardozo Kapel
Renato Menda da Costa
Theo Keniger de Andrade Gensas

O macaco travesso

Era uma vez um macaco muito sapeca. Ele adorava aprontar com todos os bichos da floresta. Às vezes, as brincadeiras eram de mau gosto, todos os animais o conheciam muito bem e ficavam preocupados, tentando imaginar quem seria o próximo!
Certo dia, perto da festa de Rosh Hashaná, o Ano Novo Judaico, o macaco decidiu fazer uma brincadeirinha com a pomba. Ele sabia que ela era a responsável por entregar os cartões de Shaná Tová para todos os animais da floresta , então chamou a pomba e disse:
- Olá, pomba! Tudo bem? Eu acabei de fazer um cartão lindo para o leão, o rei da floresta. Podes colocá-lo em tua cestinha e entregá-lo junto com os cartões dos outros animais?
- Posso sim, macaco, -respondeu a pomba, pegando o cartão com seu biquinho e colocando-o na cestinha.
Só que a pomba não sabia de um pequeno detalhe: o macaco tinha lhe dado um envelope fechado e dentro não tinha cartão nenhum!!! O Macaco colocou dentro do envelope uma folha dobrada, em branco, pensando que o leão, o rei da floresta, ficaria furioso ao abrir e ver que a pomba estava fazendo uma brincadeira de mau gosto com ele. Justo com o leão, o animal mais bravo da floresta!!!
No dia seguinte, a pomba pegou a cestinha com o envelope do macaco e começou a percorrer as casinhas de todos os animais. Primeiro foi na casa da girafa:
- Bom dia, dona girafa! Tudo bem? Eu vim pegar seu cartão de Rosh Hashaná - disse a pomba.
- Bom dia, pomba! Aqui está meu cartão. Obrigada - disse a girafa.
A pombinha continuou seu caminho e a próxima casa foi a do elefante.
- Bom dia, senhor elefante. Como vai? Vim buscar seu cartão de Rosh Hashaná.
- Bom dia, dona pomba, -disse o elefante, pegando o cartão com sua tromba e entregando-o à pombinha.
Depois da casa do elefante, a pomba foi até a casa da onça que já estava esperando por ela com o cartão de Rosh Hashaná.
- Obrigada, dona onça! Seu cartão deve estar lindo, - disse a pomba.
A seguir a pombinha foi na casa da zebra, linda, com suas listras pretas!
- Bom dia, pombinha, aqui está meu cartão. Obrigada!
Perto da casa da zebra, morava o cachorro que prontamente deu pulos de felicidade quando viu a pomba chegando. Seu cartão estava lindo!

A pombinha continuou seu caminho e a próxima casa foi a do elefante.
- Bom dia, senhor elefante. Como vai? Vim buscar seu cartão de Rosh Hashaná.
- Bom dia, dona pomba, -disse o elefante, pegando o cartão com sua tromba e entregando-o à pombinha.
Depois da casa do elefante, a pomba foi até a casa da onça que já estava esperando por ela com o cartão de Rosh Hashaná.
- Obrigada, dona onça! Seu cartão deve estar lindo, - disse a pomba.
A seguir a pombinha foi na casa da zebra, linda, com suas listras pretas!
- Bom dia, pombinha, aqui está meu cartão. Obrigada!
Perto da casa da zebra, morava o cachorro que prontamente deu pulos de felicidade quando viu a pomba chegando. Seu cartão estava lindo! Depois do cachorro, foram o gato, o pato, a abelha e outros tantos bichos.
No dia seguinte, a pomba pegou a cestinha e começou a distribuir os cartões, deixando por último o cartão que o macaco tinha feito para o leão.
Enquanto a pomba voava de casa em casa, o macaco pulava de galho em galho. Ele não queria perder o momento em que a pomba entregaria a folha branca para o leão!
A pombinha chegou no palácio, bateu na porta e escutou o leãozinho chorando. Ela não sabia que alguns minutos antes, o leãozinho pediu para o pai uma folha para fazer um cartão de Rosh Hashaná e adivinhem??? Não tinha nenhuma folha no palácio, o que deixou o leãozinho muito triste e o rei leão furioso!
A pombinha entrou no palácio. Ela estava muito assustada, tinha medo que o leão, brabo do jeito que estava, descontasse sua raiva nela! Enquanto isso, o macaco, pendurado no galho de uma árvore, olhava tudo, pensando que o momento estava chegando e que seria muito engraçado ver a cena do leão ao abrir o envelope, pois dentro dele não haveria nenhum cartão, apenas uma folha em branco. Mas ficou surpreso. Não esperava a atitude do leão ao abrir o envelope e encontrar aquela folha de papel. O leão disse:
- Querida pombinha!! Muito obrigado!!! Tu acabaste de fazer meu amado filho muito feliz! Era justo o que ele precisava. Uma folha branca para fazer seu cartão de Rosh Hashaná. Eu estou tão contente, que quero te convidar para o jantar de Rosh Hashaná da minha família, aqui no palácio!!
O leão abraçou a pomba com muito carinho, enquanto o macaco olhava pela janela, sem querer acreditar que a brincadeira que ele tinha aprontado para a pomba não acabou como ele queria!!!!

O MACACO TRAVESSO



O MACACO TRAVESSO



Um presente para o Beit HaMikdash

TURMA 12

Arthur Rosa Rubin
Beatriz Luzzatto Cassou
Bernardo Arenzon Chachamovich
Bernardo Mengarda Costa
Bruna Wainstein Grossmann
Carolina Horowitz Vieira
Eduardo Magagnin Wajner
Gabriel Slavutzki Matone
Graziela Turkienicz Schestatsky
Gustavo Castan Cipele
Gustavo Wofchuk Iuchno
Isadora Spiguel Shmulerg
Lucas Dienstmann Teitelbaum
Lucas Knijnik Turkienicz
Martina Zouvi Gerber
Maurício Laks
Nicole Giordani Cardon
Pedro Dal Castel Russowski
Pedro Henrique Pilotti Talasca
Raquel Kahan Fischmann
Roberta Zoppas Fridman
Rodrigo Lerrer Terner
Sophia Coifman Gross
Sophie Borges Fortes Ochman

UM PRESENTE PARA O
BEIT HAMIKDASH

Um presente para o Beit HaMikdash

Há muitos e muitos anos, existia em Ierushalaim um Templo Sagrado, chamado Beit Hamikdash. Era costume, na época, as pessoas levarem cestas com frutas e legumes como presente para o Beit Hamikdash, em agradecimento a Deus pelas boas colheitas.

Naquele tempo, vivia um homem muito pobre. Ele era um escultor e ficava muito triste porque não tinha uma cesta com alimentos para levar de presente ao Beit Hamikdash.

Porém, um dia, ele teve uma grande ideia: esculpir uma pedra bem grande e levar para o Beit Hamikdash. O homem trabalhou duro, e quando a pedra ficou pronta, ele percebeu que não conseguiria levá-la sozinho até Ierushalaim. Pensou em pagar alguém para lhe ajudar a carregar a pedra, mas o pobre homem tinha apenas algumas moedas.

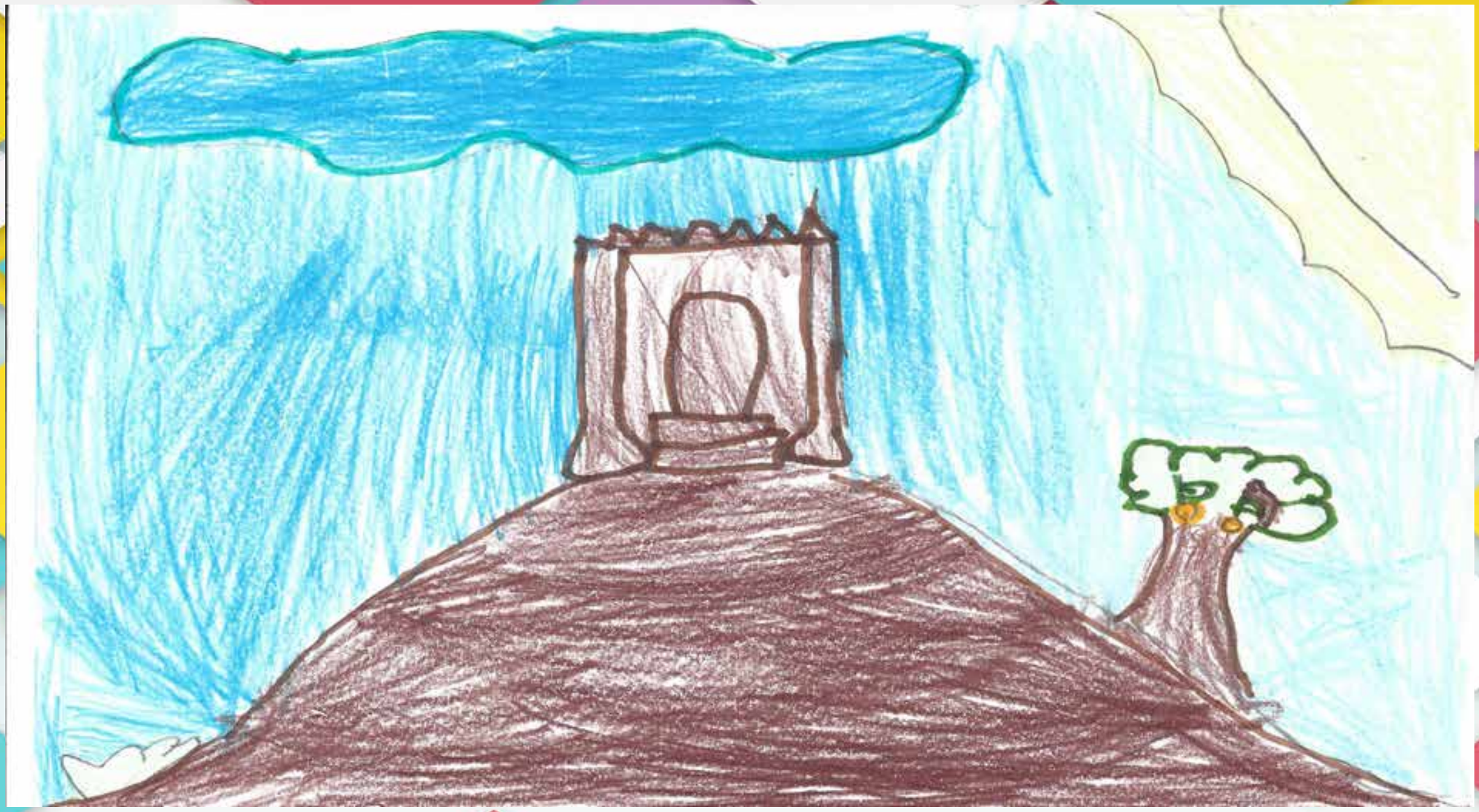
Logo em seguida, ele viu três homens fortes e perguntou se eles o ajudariam a carregar sua pedra para Ierushalaim por apenas algumas moedas. Os homens riram e negaram seu pedido. Ele não desistiu e perguntou a mesma coisa para outros três homens fortes que estavam ali perto. E estes homens aceitaram ajudá-lo exatamente pelo valor das poucas moedas que ele tinha.

Veio, de repente, um vento muito forte, tudo girou, girou até que o escultor e a pedra foram parar na frente do Beit Hamikdash. O escultor ficou muito impressionado: eles chegaram muito rápido à Ierushalaim, porém os carregadores haviam sumido sem receber seu pagamento.

O escultor foi procurar um grande rabino da cidade e contou a sua história para ele. Disse que estava preocupado por não ter cumprido com a sua parte do trato, que era o pagamento de algumas moedas aos homens que o ajudaram. Ele não sabia o que fazer.

O rabino pensou, pensou e disse que, na verdade, eles não eram homens e sim anjos de Deus, que haviam sido enviados para ajudá-lo a trazer seu presente para o Beit Hamikdash. E acredita-se, até hoje, que a pedra do escultor esteja lá no Muro das Lamentações. Você já viu a pedra por lá?

UM PRESENTE PARA O
BEIT HAMIKDASH





Um presente para o Beit HaMikdash





UM PRESENTE PARA O BEIT HAMIKDASH





UM PRESENTE PARA O BEIT HAMIKDASH





Um presente para o Beit HaMikdash





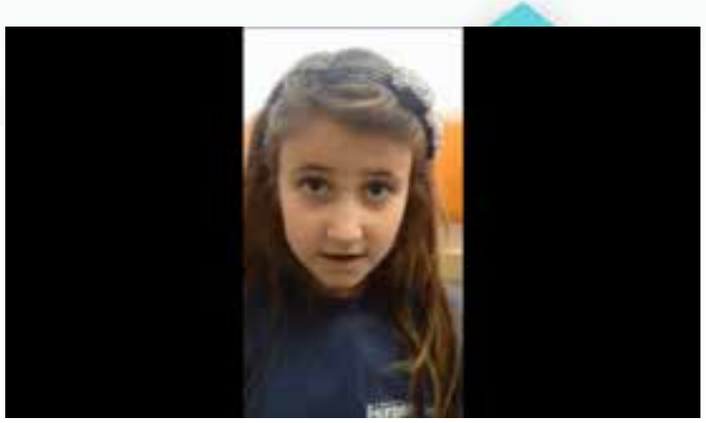
UM PRESENTE PARA O BEIT HAMIKDASH





UM PRESENTE PARA O BEIT HAMIKDASH





Um presente para o Beit HaMikdash





Um presente para o Beit HaMikdash





UM PRESENTE PARA O BEIT HAMIKDASH



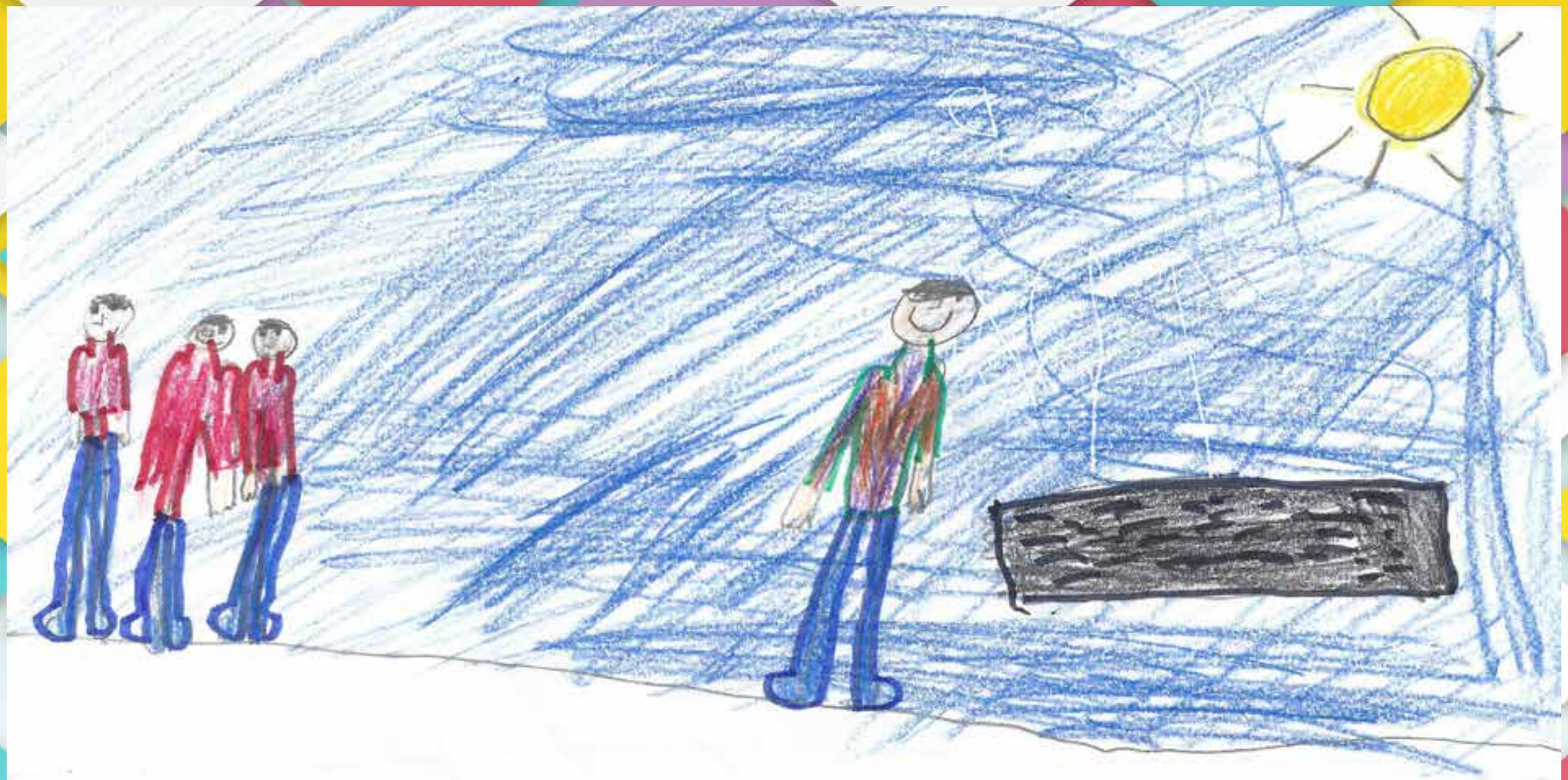


UM PRESENTE PARA O BEIT HAMIKDASH





UM PRESENTE PARA O BEIT HAMIKDASH





UM PRESENTE PARA O BEIT HAMIKDASH





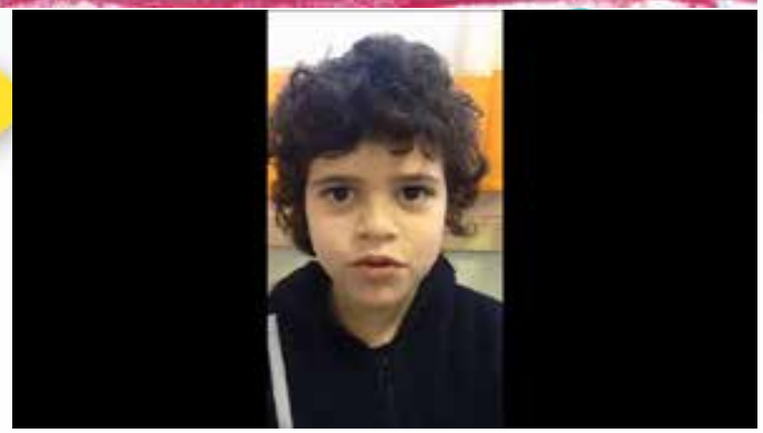
UM PRESENTE PARA O
BEIT HAMIKDASH





Um presente para o Beit HaMikdash





UM PRESENTE PARA O BEIT HAMIKDASH





UM PRESENTE PARA O BEIT HAMIKDASH





Um presente para o Beit HaMikdash





Um presente para o Beit HaMikdash





UM PRESENTE PARA O BEIT HAMIKDASH



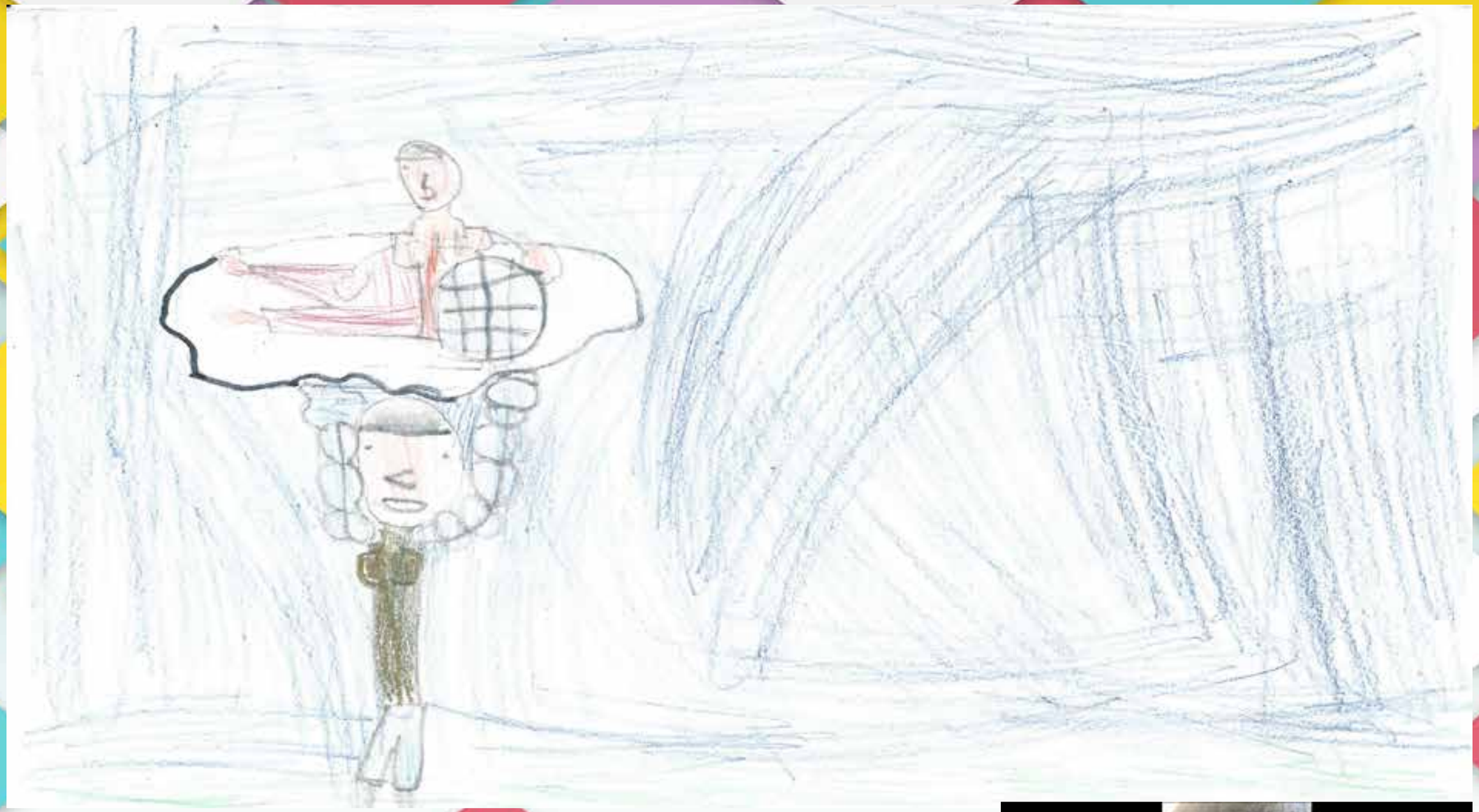


UM PRESENTE PARA O BEIT HAMIKDASH



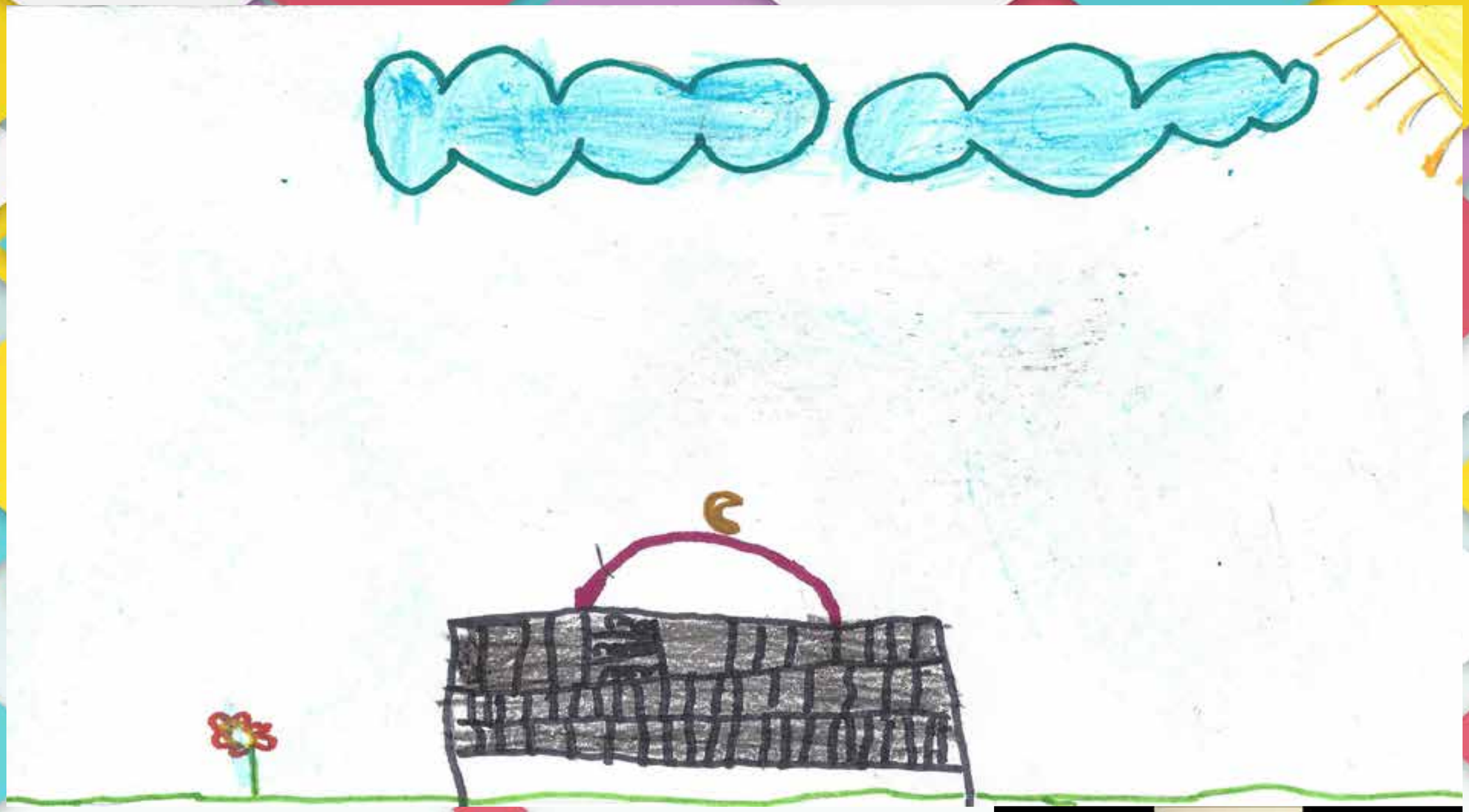


UM PRESENTE PARA O BEIT HAMIKDASH



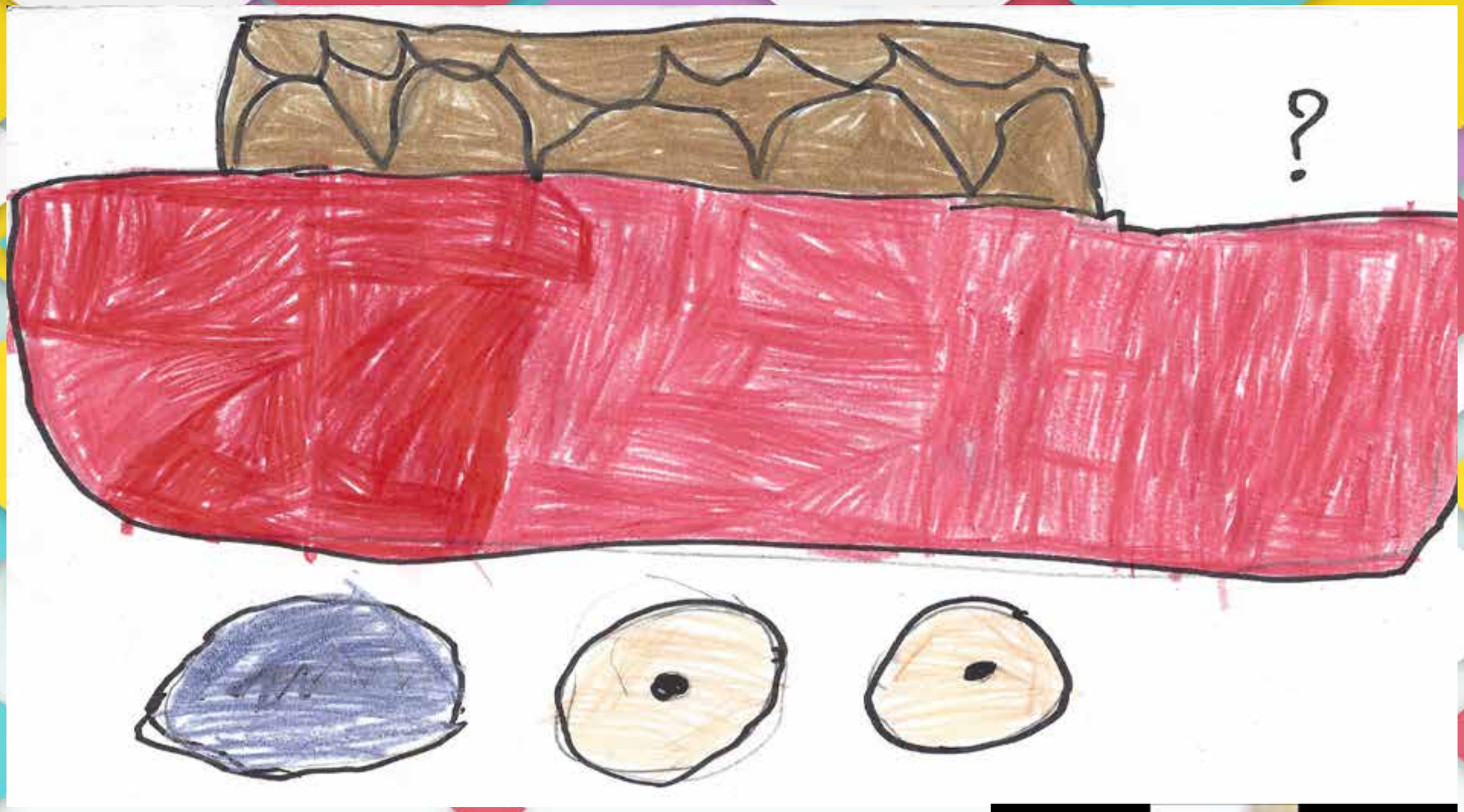


UM PRESENTE PARA O BEIT HAMIKDASH





Um presente para o Beit HaMikdash





UM PRESENTE PARA O BEIT HAMIKDASH

O CASAMENTO

da filha de Rabi Akiva

TURMA 21

Barbara Spiguel
David Ferreira Schames
Eduarda Anele Schames
Felipe Treiguer Silveira
Fernanda Knijnik
Gabriela Mester Vianna
Ian Gus Arenzon
Ísis Ferreira Grillo
Juan Cabreira Russowsky
Julia da Fonseca Kripka
Lais Lobraico Libermann
Laura Hoffmeister Piltcher
Lucas Gajescki Rabin
Luísa Shmulerg Chou
Natan Presman
Nicoly Nogueira dos Santos
Renato de Araújo Peixoto
Sofia Pauletti Saltz
Tehila Schneider Rudnicki
Yasmin Gil Asnis

O casamento da filha de Rabi Akiva
Do Tesouro de nossas lendas

Rabi Akiva era casado com Rachel. Eles tiveram uma filha. Quando a garotinha ainda era um bebê, ele teve um pesadelo. Sonhou que no dia do casamento da sua filha, uma coisa muito ruim aconteceria a ela. Os anos se passaram e a menina foi crescendo. Ela sempre foi uma boa pessoa, cumpria as mitzvot e ajudava os outros.

Um dia antes de seu casamento, seu pai lhe deu uma fivela de ouro com o formato de Ierushalaim, para que a usasse no dia da festa. O grande dia chegou e ela estava muito feliz. Os convidados dançavam, comiam e bebiam. No meio da festa, a filha do Rabi Akiva decidiu pegar um ar no jardim. O Rabi Akiva, lembrando do sonho, passou a festa toda de olho em sua filha, porém não percebeu quando ela saiu do salão.

Ao chegar no jardim, viu que tinha um mendigo no portão e percebeu que ele estava com fome. Ela preparou um prato de comida e deu para ele comer. O pobre homem ficou muito feliz, agradeceu e foi embora.

Quando ela voltou para o salão, percebeu que havia perdido a sua fivela, mas seu pai lhe disse para não se preocupar, pois procurariam o objeto em outro momento.

No dia seguinte, o Rabi Akiva encontrou a fivela cravada em uma cobra, bem ao lado do portão. Por ela ter sido uma pessoa tão boa, a vida toda, seu destino havia sido modificado.







O CASAMENTO
da filha de Rabi Akiva





O CASAMENTO
da filha de Rabi Akiva





O CASAMENTO
da filha de Rabi Akiva





O CASAMENTO
da filha de Rabi Akiva



O CASAMENTO
da filha de Rabi Akiva



O CASAMENTO
da filha de Rabi Akiva



O CASAMENTO
da filha de Rabi Akiva

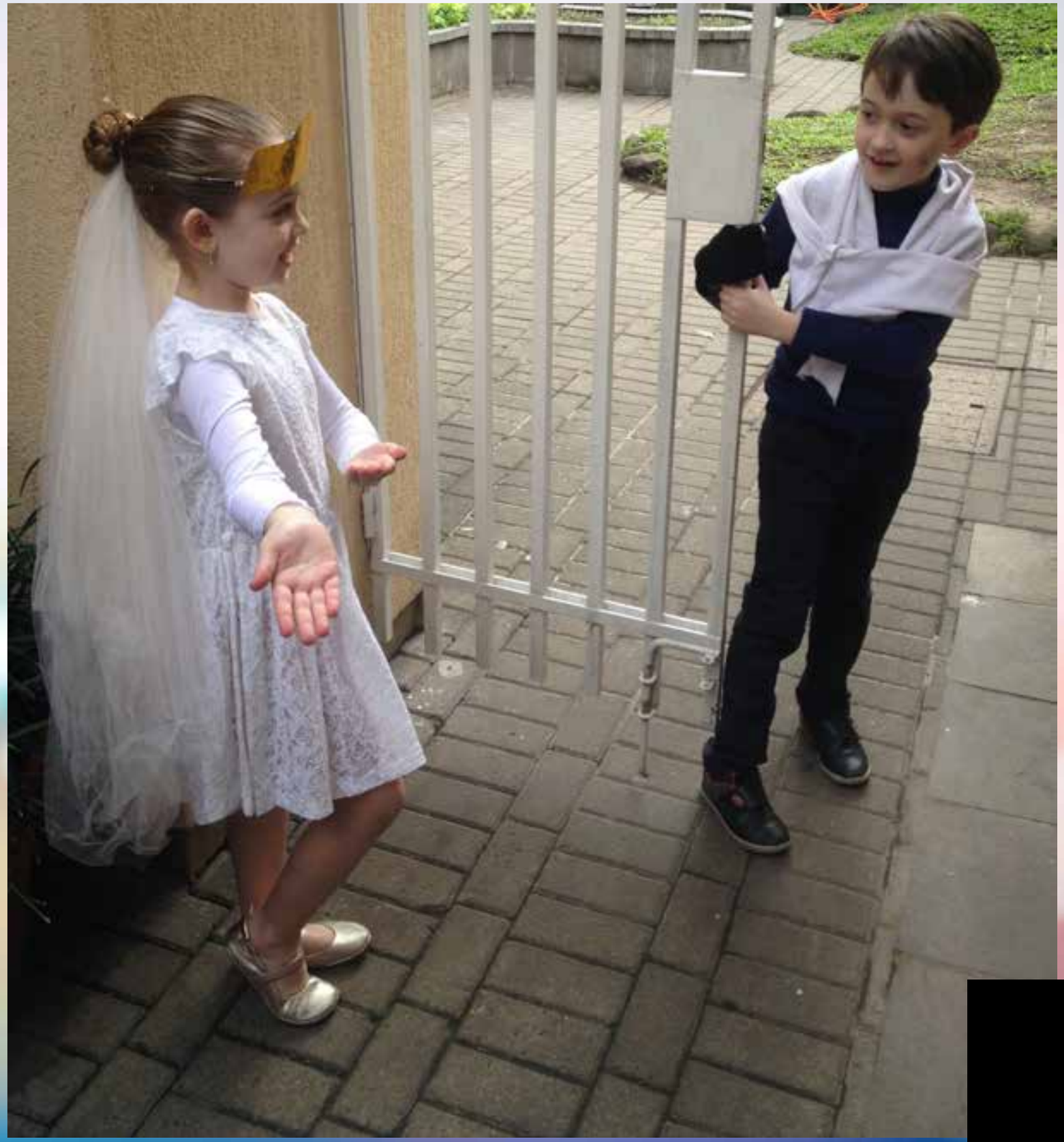


O CASAMENTO
da filha de Rabi Akiva





O CASAMENTO
da filha de Rabi Akiva



O CASAMENTO
da filha de Rabi Akiva



O CASAMENTO
da filha de Rabi Akiva





O CASAMENTO
da filha de Rabi Akiva



O CASAMENTO
da filha de Rabi Akiva



O CASAMENTO
da filha de Rabi Akiva



O CASAMENTO
da filha de Rabi Akiva





O CASAMENTO
da filha de Rabi Akiva



O CASAMENTO
da filha de Rabi Akiva



O CASAMENTO
da filha de Rabi Akiva

AS TRÊS PERGUNTAS

TURMA 22

Carolinne Schreiner Kapel
Christian Moura Strebel
Daniella Fortes Carvalho
Davi Almeida Copstein
Gabriela Amaral Gehres
Gabriela Bucschtein
Henrique Vitor Mairesse
Isabella Scotto Datri
Julia Eliza Jamil de Oliveira
Julia Sopher Rubim
Laura Latorres Mittelmann
Laura Schames
Lucas Lindner Izquierdo
Manuela Suslik Schneider
Marcel Cantergi Fridman
Marcelo Guerreiro Szajman
Mariana Garcia Enk
Nicole dos Santos Kapelius
Paula Kuhn Gerchmann
Pedro Chazan Piccoli
Rafael Tobias Cohen Tvorecki

AS TRÊS PERGUNTAS

“As três perguntas”

Era uma vez uma pequena aldeia onde os judeus viviam muito bem. Porém, o 1º Ministro do Rei era muito mau e não aceitava os costumes dos judeus, como usar kipá, acender as velas do Shabat e acreditar em um único Deus.
O Rei, cansado de ouvir as reclamações do 1º Ministro sobre os judeus disse:
- Vamos fazer o seguinte: volte daqui a três dias. Então eu lhe farei três perguntas. Se você souber as respostas, eu farei o que você tanto quer: acabarei com os judeus. Porém, se você não souber, você é quem morrerá!
A esposa do 1º Ministro achou que ele foi um tolo, e disse:
- Você nunca saberá as respostas! Que perguntas são essas? Vai ter que consultar com o Rabino, o homem mais sábio da aldeia!
O 1º Ministro pegou sua carruagem e foi até a casa do Rabino que o viu de longe e disse a sua esposa:
- Se o 1º Ministro me procurar, mande ele ir até o galinheiro. O Rabino abaixou as calças e sentou-se em um balde cheio de ovos.
Quando o 1º Ministro entrou, ficou espantado, então o Rabino disse:
- Estou esquentando os ovos para os pintinhos nascerem mais fortes!
Isso não é importante agora! - disse o 1º Ministro. Eu preciso que me ajude a resolver meu problema. Contou-lhe sobre as três perguntas, então o Rabino disse:
- Vamos trocar de roupa. Você levante sua túnica e sente no balde com os ovos. E eu irei até o palácio tentar salvar sua vida!
O Rabino, vestido com luxuosas roupas e escondido sob um enorme turbante, comprou uma medalha com o símbolo da religião do Rei.
Quando chegou no Palácio, o rei lhe fez a primeira pergunta:
- 1º Ministro, quanto você acha que eu valho?
O Rabino, disfarçado de 1º Ministro, pensou e respondeu:
- Eu acho que sua majestade vale 9 dinares!
O Rei ficou vermelho de raiva e não gostou da resposta, mas o Rabino disse:
- Comprei este amuleto com o símbolo da sua religião e paguei 10 dinares! O Rei está logo abaixo, ou seja, 9 dinares!

AS TRÊS PERGUNTAS

- Hummmmm, disse o Rei. Gostei da sua resposta. Vamos a segunda pergunta:
- Em que estou pensando neste exato momento???
O Rabino respondeu imediatamente:
- Ah, sua majestade! Você está pensando que eu sou o 1º Ministro, mas na realidade eu sou o Rabino da aldeia! E o turbante caiu no chão.
- Ohhh! – disse o Rei. Você é muito atrevido! Veio até o meu Palácio me enganar! Porém, como estou gostando das suas respostas, eu vou lhe fazer a última pergunta. Se você acertar, não farei nada contra os judeus e seu povo estará a salvo!
- Pode perguntar, sua majestade – disse o Rabino.
- Como você sabe, sou um homem muito rico, já viajei muito, conheci lugares incríveis e vi muitas coisas!! Mostre-me alguma coisa que nunca tenha visto na minha vida!
O Rabino disse:
- Acompanhe-me, sua majestade.
Subiram na carruagem do Rei e foram até a aldeia, na casa do Rabino. Chegando lá, entraram no galinheiro. O Rei ficou espantado quando viu o 1º Ministro sentado sobre um balde cheio de ovos e alguns pintinhos ao redor dele!
- Rabino! – disse o Rei. Eu nunca vi na minha vida algo assim!
A partir desse dia, o Rabino se tornou conselheiro do Rei e o 1º Ministro ficou responsável por cuidar o galinheiro...

Grace Zicker Guz

AS TRÊS PERGUNTAS



AS TRÊS PERGUNTAS

ABRÃÃO DESCOBRE DEUS

TURMA 31

Ana Luísa Tonatto Melamed
Antônia Marques Nuñez
Arthur Matone
Bernardo Trois Nhuch
Eduarda Ioschpe Russowski
Eduardo Amaral Gehres
Eitan Eliezer Henkin Levi
Felipe Goldfeld Wolf
Fernanda Hunsche Grossman
Fernanda Jawetz Steiner
Gabriel Grehs Stifelman
Gabriel Pazuello Gensas
Giulia Kulkes Schardosim
Guilherme Seligman Ebbsen
Gustavo Zimmermann Rollin
Isabela Mendes Marcos
Julia Altschieler Tessler
Manuela Reverbel Fridman
Pedro Azambuja Siminovich
Rafaela Guertzenstein Silbert
Rafaela Ioschpe Russowski
Rafaela Wainstein
Rodrigo Keiserman Blumenthal
Vitoria Ioschpe Russowski



Abrãao descobre Deus

Há muitos séculos existia uma cidade chamada Ur. Em Ur, existiam poderosos príncipes que viviam em belos castelos. O povo rezava nos templos da cidade e acreditava que as estátuas que representavam deuses diferentes eram capazes de realizar milagres! As pessoas costumavam se ajoelhar na frente das estátuas para rezar e levavam presentes para agradar os deuses.

Desde pequeno, Abraão não acreditava que estátuas feitas de madeira, ou qualquer outro material, fossem poderosos deuses. Terach, pai de Abraão, era artesão e fabricava essas estátuas e não gostava quando o filho falava que não eram deuses coisíssima nenhuma! Ele ficava muito bravo!!

Certo dia, Terach precisou sair para comprar materiais para sua oficina. Então falou para Abraão:

- Filho, toma conta da oficina. Varre o chão e cuida muito bem das estátuas!

- Tudo bem, pai. Tudo bem, - respondeu Abraão. Vou cuidar muito bem delas!

Abraão começou a arrumar a oficina do pai, quando chegou uma antiga cliente do Terach.

- Bom dia, Abraão, – disse a senhora. Eu trouxe uma bandeja de doces que eu mesma fiz, para dar a um dos deuses!

Abraão ficou pensando... Como é possível que alguém traga comida para dar de presente para uma estátua de madeira? Uma bandeja de doces?

- Fique à vontade, senhora. Pode escolher qualquer um dos deuses e colocar a bandeja na frente dele.

A senhora olhou um, depois outro, e mais outro deus, até que escolheu a mais alta das estátuas e colocou a bandeja de doces na frente dela. Ela adorou sua escolha!

Quando a senhora foi embora, Abraão decidiu provar para o pai que os deuses que ele fabricava não tinham valor algum. E olha só o que ele aprontou: pegou um bastão e começou a quebrar todas as estátuas. Destruiu quase todas, deixando apenas uma, a maior delas, aquela que a senhora tinha escolhido e para quem havia deixado a bandeja de doces. Abraão pôs nos braços dela o bastão utilizado na quebradeira e continuou varrendo o chão.

Quando Terach chegou, ficou espantado com toda aquela bagunça e imediatamente perguntou:

- Abraão! O que aconteceu aqui? Quem quebrou as estátuas? Eu quero uma explicação, agora!

Abrão parou de varrer e disse:

ABRÃAO DESCOBRE DEUS

- Pai, foi esse deus, o mais alto, olha o bastão nos braços dele - apontando para o deus escolhido pela senhora. Parece que todos os deuses ficaram com ciúmes porque só ele ganhou uma bandeja de doces, então começaram a brigar e tentaram pegar os docinhos! O Deus mais alto pegou o bastão e começou a quebrar todos, ele não queria que pegassem seu presente!

Terach não acreditava no que estava ouvindo! Então disse:

- Abraão, isso é impossível! Como uma estátua de madeira pode movimentar-se?

- Mas pai, disse Abraão, se estas estátuas não podem se mexer nem para se defender, nem para defender os outros, como você quer que eu acredite que elas são poderosas, deuses que realizam os desejos das pessoas, que fazem milagres?

Abraão, depois dessa encrenca toda, começou a compreender que só um ser superior, um Deus único, poderia ter criado o Universo.

Ilan Brenman





ABRÃÃO DESCOBRE DEUS

UMA QUESTÃO DE VIDA OU MORTE

TURMA 32

Ana Alice Cavalcante Schames
Ana de Césaro Schafirowitz
Artur Cardoso Zouvi
Artur Wainberg Trapp
Bruna Pecis Baggio
Bruna Tevah Lermann Machado
Daniel Golembiewski Ribeiro Mendes
Debora Axelrud Sirotsky
Diego Elman Weremchuk
Gabriel Czyz
Gabriela Saute
Gabriela Yafa Wolkind Aberbuj
Giovana Guertzenstein Silbert
Gustavo Garbarski
Hadassa Michaela Beal Fuentes
Henry Braga Herborn
Ignácio Isdra Sniadower
Isabela Ritter
Júlia de Césaro Schafirowitz
Laura de Césaro Schafirowitz
Luiza Bakalczuk de Avila
Mariana Piccinin Spritzer
Pedro Cardon Unikovski
Pedro de Albuquerque Kersting Soares
Rodrigo Halperin Borges
Uri Krygier Ertel

Uma questão de vida ou morte

Uma questão de vida ou morte

No palácio de um sultão egípcio, havia um clima de mistério no ar. Seus ministros queriam lhe falar em segredo. O sultão estava curioso para saber qual era o assunto.

Na hora marcada, os ministros disseram ao sultão que o seu médico de confiança, um judeu, a quem o sultão deixava sua vida nas mãos, planejava matá-lo.

O sultão não acreditou, mas como todos os ministros ao seu redor afirmavam essa intenção, começou a duvidar de sua confiança.

O sultão pediu que convocassem o médico para ouvir o que ele tinha a dizer em sua defesa.

O médico, o famoso rabi Moshe ben Maimon, o Maimônides, foi trazido imediatamente.

Maimônides foi condenado, sem chance de provar sua inocência.

O sultão não queria perder seu médico de confiança, afinal este servia a ele e ao país tão fielmente. Decidiu adiar a sentença de morte e deu-lhe uma chance para tentar salvar a própria vida.

Resolveu que Maimônides decidiria seu próprio destino por meio de um sorteio. O sultão ordenou que dois pedaços de papel fossem preparados: em um estaria escrito “vida” e no outro estaria escrito “morte”. O médico tiraria o bilhete decisivo.

O rei deu a tarefa de preparar os papéis ao escrivão da corte. Este homem ficou muito feliz com o trabalho, pois ele odiava judeus. Por esse motivo, teve a ideia de escrever a palavra “morte” nos dois papéis, pois acreditou que este seria o fim do judeu.

O escrivão ficou tão feliz com sua brilhante ideia, que deu uma festa para comemorar o fim de Maimônides. Depois de muitas taças de vinho, não conseguiu mais guardar segredo e contou a todos o que faria.

Na manhã seguinte, uma multidão apareceu na corte. Enquanto Maimônides aguardava os acontecimentos, alguém sussurrou em seu ouvido que este seria seu último dia na terra. Perante a certeza na voz do desconhecido, o médico percebeu que alguma coisa estava errada. Imaginou que ambos os papéis continham a palavra “morte”.

Uma questão de
vida ou morte

A caixa contendo os bilhetes foi colocada diante de Maimônides. O escrivão anunciou que ele retiraria um dos bilhetes. Todos estavam ansiosos e seguravam a respiração. Maimônides pôs a mão dentro da caixa, retirou um bilhete e o engoliu. Todos ficaram espantados.

Maimônides fez uma reverência ao sultão e explicou a todos o seu ato. Disse que dentro da caixa existiam dois bilhetes escritos "vida" e "morte". Examinariam o papel que restou. Se estivesse escrito "morte", significaria que o papel que ele havia escolhido estava escrito "vida", e assim, a sua própria vida seria salva.

Maimônides abriu o bilhete que restou, e nele se lia a palavra "morte". O sultão sorriu; ele queria que Maimônides vivesse. Seus ministros olhavam Maimônides com raiva. O sábio judeu foi mais esperto do que eles.

Mais tarde, o sultão chamou Maimônides para saber por que ele fizera toda aquela encenação. Maimônides lhe falou sobre suas suspeitas. O sultão mandou investigar e descobriu a verdade, punindo os malfeitores. Convocou novamente Maimônides e lhe disse:

- Como é poderoso o Deus dos judeus por ter incutido sabedoria Divina no coração de seus seguidores.

Extraído do livro "Contos de Tzadikim" traduzido por Miriam Katz. Editora Sefer

Uma questão de vida ou morte



No palácio de um sultão egípcio, havia um clima de mistério no ar. Seus ministros queriam lhe falar em segredo. O sultão estava curioso para saber qual era o assunto.

Na hora marcada, os ministros disseram ao sultão que o seu médico de confiança, um judeu, a quem o sultão deixava sua vida nas mãos, planejava matá-lo.

O sultão não acreditou, mas como todos os ministros ao seu redor afirmavam essa intenção, começou a duvidar de sua confiança.

Uma questão de vida ou morte



O sultão pediu que convocassem o médico para ouvir o que ele tinha a dizer em sua defesa.
O médico, o famoso rabi Moshe ben Maimon, o Maimônides, foi trazido imediatamente.
Maimônides foi condenado, sem chance de provar sua inocência.
O sultão não queria perder seu médico de confiança, afinal este servia a ele e ao país tão fielmente. Decidiu adiar a sentença de morte e deu-lhe uma chance para tentar salvar a própria vida.

Uma questão de vida ou morte



Resolveu que Maimônides decidiria seu próprio destino por meio de um sorteio. O sultão ordenou que dois pedaços de papel fossem preparados: em um estaria escrito “vida” e no outro estaria escrito “morte”. O médico tiraria o bilhete decisivo.

O rei deu a tarefa de preparar os papéis ao escrivão da corte. Este homem ficou muito feliz com o trabalho, pois ele odiava judeus. Por esse motivo, teve a ideia de escrever a palavra “morte” nos dois papéis, pois acreditou que este seria o fim do judeu.

Uma questão de vida ou morte



O escrivão ficou tão feliz com sua brilhante ideia, que deu uma festa para comemorar o fim de Maimônides. Depois de muitas taças de vinho, não conseguiu mais guardar segredo e contou a todos o que faria.

Uma questão de vida ou morte



Na manhã seguinte, uma multidão apareceu na corte. Enquanto Maimônides aguardava os acontecimentos, alguém sussurrou em seu ouvido que este seria seu último dia na terra. Perante a certeza na voz do desconhecido, o médico percebeu que alguma coisa estava errada. Imaginou que ambos os papéis continham a palavra “morte”.

Uma questão de vida ou morte



A caixa contendo os bilhetes foi colocada diante de Maimônides. O escrivão anunciou que ele retiraria um dos bilhetes. Todos estavam ansiosos e seguravam a respiração. Maimônides pôs a mão dentro da caixa, retirou um bilhete e o engoliu. Todos ficaram espantados.

Uma questão de vida ou morte



Maimônides fez uma reverência ao sultão e explicou a todos o seu ato. Disse que dentro da caixa existiam dois bilhetes escritos “vida” e “morte”. Examinariam o papel que restou. Se estivesse escrito “morte”, significaria que o papel que ele havia escolhido estava escrito “vida”, e assim, a sua própria vida seria salva.

Maimônides abriu o bilhete que restou, e nele se lia a palavra “morte”. O sultão sorriu; ele queria que Maimônides vivesse. Seus ministros olhavam Maimônides com raiva. O sábio judeu foi mais esperto do que eles.

Uma questão de vida ou morte

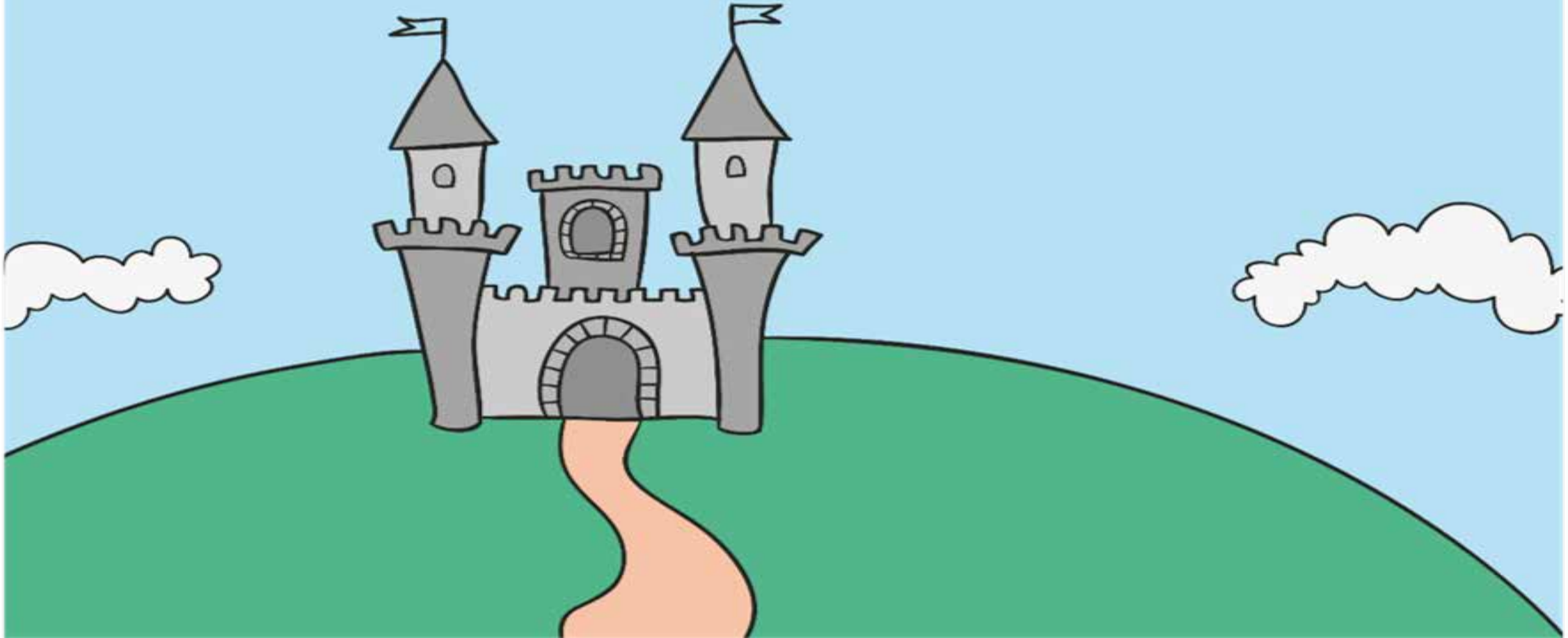


Mais tarde, o sultão chamou Maimônides para saber por que ele fizera toda aquela encenação. Maimônides lhe falou sobre suas suspeitas. O sultão mandou investigar e descobriu a verdade, punindo os malfeitores. Convocou novamente Maimônides e lhe disse:

- Como é poderoso o Deus dos judeus por ter incutido sabedoria Divina no coração de seus seguidores.

Uma questão de vida ou morte

DIA APÓS DIA



TURMA 41

Ana Peluso Borges
André Costa Freitas
Bernardo Sandri Alves
Diego Escobar Diestel
Diogo Puente de Moraes
Fernanda Borba Branchtein
Gabriela Elman Loureiro
Guilherme Sprinz
Guili Arenzon Vischnevetzki
Gustavo Correa Chazan
Gustavo Finkelstein de Figueiredo
Isabela Loeff Goldsztein
Laura Rajchenberg
Leonardo Schajer Rerin
Manuela Renkovski
Miguel Antônio Perrot Marques
Rafael Kats Veisman
Ricardo Coufal Starosta
Théo Isdra Sniadower
Voltaire Augusto Borges Júnior

"Día após día"

Há muitos e muitos anos, havia um rei chamado Abbas. Ele era o rei da Pérsia.
Era um homem honesto, e todas as noites saía disfarçado pelas ruas para conhecer melhor os seus súditos.
Certa noite avistou uma cabana e dentro dela reconheceu um homem. Era David, ele estava comendo uma refeição bem simples.
O rei Abbas, disfarçado, chega à cabana e pergunta:
- Aceita um convidado?
- Claro que sim. Um convidado é uma dádiva de Deus! - responde David.
Eles começam a jantar e o rei pergunta:
- O que você faz na sua vida?
- Sou sapateiro durante o dia. Conserto os sapatos do povo e com o dinheiro que eu ganho, compro comida. E rezo para Deus: Bendito seja Deus, dia após dia!
Eles ficam conversando até tarde. O rei volta ao palácio e decide testar David.
No dia seguinte, o rei decreta que só poderia trabalhar como sapateiro aqueles que tivessem uma licença para fazê-lo.
Na mesma noite, o rei vai para a cabana de David e o vê pela janela. O jantar está servido. Bate à porta e é convidado para jantar novamente.
O rei lhe pergunta:
- Como você conseguia dinheiro para o seu sustento?
- Já que não posso ser sapateiro, comecei a tirar água do poço para as pessoas e assim consegui o dinheiro para a refeição de hoje. Bendito seja Deus, dia após dia!
Eles conversam até tarde, e quando o rei volta para o palácio, decide testar David novamente.
No dia seguinte, o rei decreta que poderiam tirar água do poço aqueles que tivessem licença para fazê-lo.

David vira lenhador e é visitado todas as noites pelo rei Abbas.

Durante o jantar, o rei faz a mesma pergunta de sempre. David conta para o rei que ele virou lenhador e que, assim, conseguiu o dinheiro para a refeição do dia. E rezou: Bendito seja Deus, dia após dia!
Abbas volta ao palácio e decide novamente testar David, promulgando um decreto: só poderia cortar lenha aqueles que tivessem licença.
David se apresenta para fazer parte da guarda real.
O homem que foi sapateiro, depois carregador de água e lenhador recebe uma espada para ser guarda. Mas ele não recebe o seu pagamento.
Depois o rei chega e continuam o ritual de sempre. Conversam até tarde.

O rei pergunta:

- Como é que você fez hoje?

- Eu vou lhe contar o que fiz. Eu me apresentei na guarda real e me deram uma espada. Como não recebi o meu pagamento, vendi a lâmina de aço, coloquei na espada uma lâmina de madeira e a cobri com a minha bainha.

O rei pergunta:

- E se tivesse uma inspeção! O que você faria?

David responde:

-Bendito seja Deus, dia após dia!

No dia seguinte, o Capitão dos guardas ordena a David que mate um prisioneiro, por ordem do rei.

David fala:

- Eu não sou assassino!

E ele reza: Bendito seja Deus, dia após dia.

E aí lhe veio uma brilhante ideia.
David fala:
- Deus, todo poderoso! Se este prisioneiro for mesmo inocente, que esta espada se converta em uma espada de madeira, mas se for culpado, que fique de aço!
No momento em que David tira a espada da bainha, todo o povo grita:
- Ooooohhhh !!!!
O rei Abbas corre até David, o abraça e lhe conta toda a verdade sobre as visitas e os decretos.
E foi assim que David, que foi sapateiro, depois carregador de água, lenhador e guarda se tornou conselheiro do rei.

DIA APÓS DIA



Há muitos e muitos anos, havia um rei chamado Abbas. Ele era o rei da Pérsia. Era um homem honesto, e todas as noites saía disfarçado pelas ruas para conhecer melhor os seus súditos.



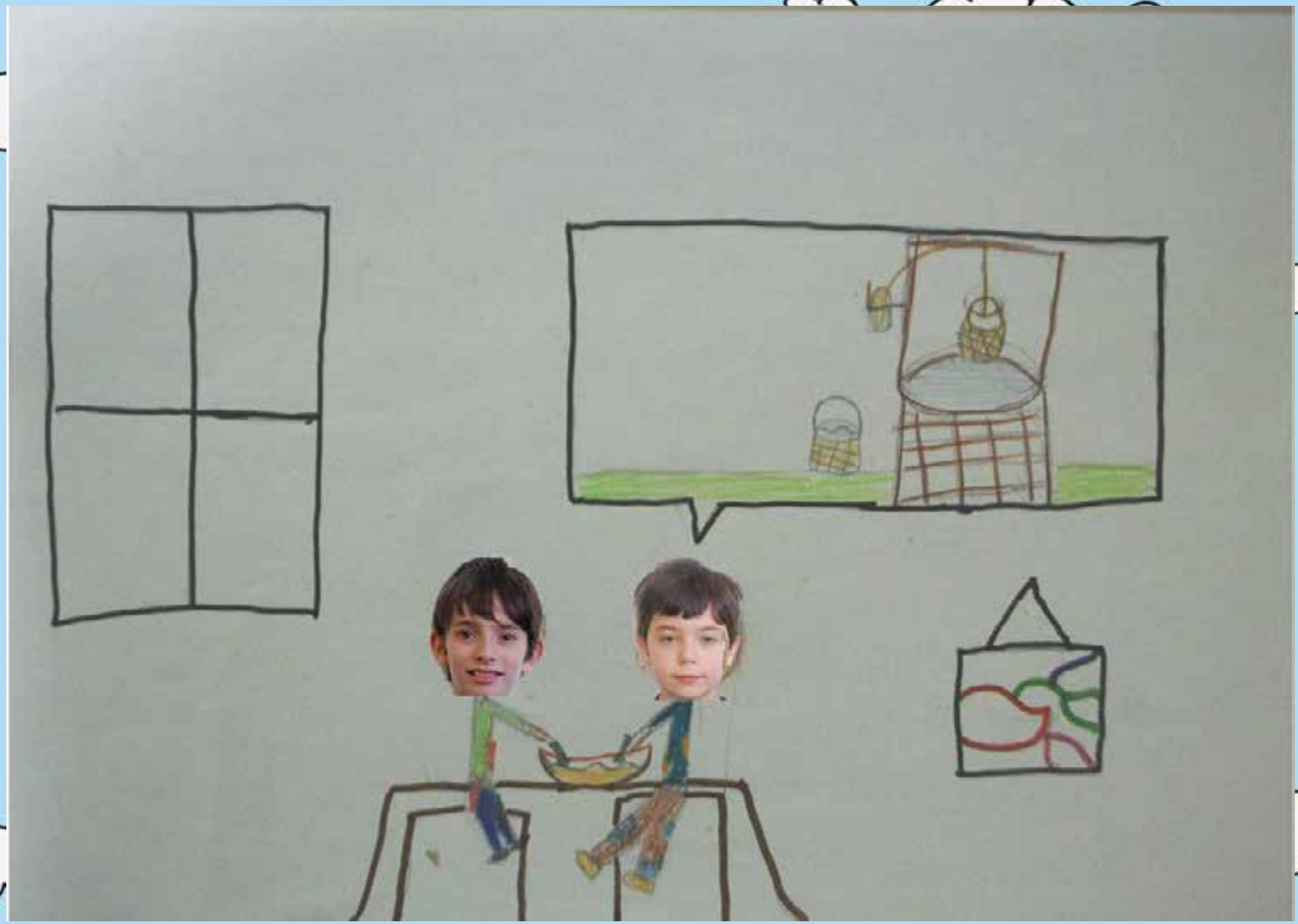
Certa noite avistou uma cabana e dentro dela reconheceu um homem. Era David, ele estava comendo uma refeição bem simples.
O rei Abbas, disfarçado, chega à cabana e pergunta:
- Aceita um convidado?
- Claro que sim. Um convidado é uma dádiva de Deus! - responde David.



Eles começam a jantar e o rei pergunta:
- O que você faz na sua vida?
- Sou sapateiro durante o dia. Conserto os sapatos do povo e com o dinheiro que eu ganho, compro comida. E rezo para Deus: Bendito seja Deus, dia após dia! Eles ficam conversando até tarde. O rei volta ao palácio e decide testar David.



No dia seguinte, o rei decreta que só poderia trabalhar como sapateiro aqueles que tivessem uma licença para fazê-lo.



Na mesma noite, o rei vai para a cabana de David e o vê pela janela. O jantar está servido. Bate à porta e é convidado para jantar novamente.

O rei lhe pergunta:

- Como você conseguiu dinheiro para o seu sustento?

- Já que não posso ser sapateiro, comecei a tirar água do poço para as pessoas e assim consegui o dinheiro para a refeição de hoje. Bendito seja Deus, dia após dia!

Eles conversam até tarde, e quando o rei volta para o palácio, decide testar David novamente.

No dia seguinte, o rei decreta que poderiam tirar água do poço aqueles que tivessem licença para fazê-lo.

DIA APÓS DIA



David vira lenhador e é visitado todas as noites pelo rei Abbas.
Durante o jantar, o rei faz a mesma pergunta de sempre. David conta para o rei que ele virou lenhador e que, assim, conseguiu o dinheiro para a refeição do dia. E rezou: Bendito seja Deus, dia após dia!



Abbas volta ao palácio e decide novamente testar David, promulgando um decreto: só poderia cortar lenha aqueles que tivessem licença.



David se apresenta para fazer parte da guarda real.



O homem que foi sapateiro, depois carregador de água e lenhador recebe uma espada para ser guarda. Mas ele não recebe o seu pagamento.



Depois o rei chega e continuam o ritual de sempre. Conversam até tarde.

O rei pergunta:

- Como é que você fez hoje?

- Eu vou lhe contar o que fiz. Eu me apresentei na guarda real e me deram uma espada. Como não recebi o meu pagamento, vendi a lâmina de aço, coloquei na espada uma lâmina de madeira e a cobri com a minha bainha.O rei pergunta:

- E se tivesse uma inspeção! O que você faria?



No dia seguinte, o Capitão dos guardas ordena a David que mate um prisioneiro, por ordem do rei.
David fala:
- Eu não sou assassino!
E ele reza: Bendito seja Deus, dia após dia.
E aí lhe veio uma brilhante ideia.



David fala:

- Deus, todo poderoso! Se este prisioneiro for mesmo inocente, que esta espada se converta em uma espada de madeira, mas se for culpado, que fique de aço!

No momento em que David tira a espada da bainha, todo o povo grita:

- Ooooohhhh !!!!



O rei Abbas corre até David, o abraça e lhe conta toda a verdade sobre as visitas e os decretos.
E foi assim que David, que foi sapateiro, depois carregador de água, lenhador e guarda se tornou conselheiro do rei.

JOSÉ

O HOMEM QUE AMAVA O SHABAT



TURMA 42

Aimeé Peluso Borges
Amanda Giordani Cardon
Caroline Gregol Zimmermann
Ester Finkielsztejn
Felipe Chassavoimaister Sedano
Gabriel Zylbersztejn Menin
Gustavo Rapoport
Isabella Valandro Alves
Laura Golbert de Oliveira
Laura Miranda da Rosa Herborn
Leonardo Maslinkiewicz Rodrigues
Marcelo Gensas Spielmann
Matheus Kahan Wofchuk
Rafael Krygier Sukster
Rafael Loureiro Rabin
Rodrigo Rosolen Kijner
Samy Wernik Burd
Sarah Grinschpun Troian
Sofia Jacques Sapiro
Tales Peluso Borges
Thiago Pinheiro Milnitsky
Vicente Piltcher Diehl

JOSÉ
O HOMEM QUE AMAVA O SHABAT

José o homem que amava o Shabat

Na cidade de Ashkelon, em Israel, vivia um pobre vendedor judeu, chamado José. Um de seus maiores prazeres na vida era respeitar o Shabat. Era um bom judeu. Para José, era muito importante viver segundo as Leis da Torá. Não se envergonhava de sua religião, tinha muito orgulho de ser judeu.

Iossef era vizinho de um homem gentio, que não era judeu. Ele era muito rico, mas também muito avarento e egoísta. Sempre que se encontravam, conversavam muito, principalmente no Shabat, quando José não trabalhava. Falavam sobre vários assuntos, principalmente sobre religião e, em especial, sobre o Shabat. Sempre comentavam sobre os valores da festa; diziam que o homem não é uma máquina, que precisa de um descanso na semana para lazer e para estar junto de sua família. Para aqueles que amam o Shabat, sua chegada a cada semana equivale à vinda de um amigo querido e estimado.

José costumava guardar uma parte do dinheiro que ganhava, todo os dias, para passar o Shabat de modo festivo. Não abria mão de uma roupa especial de Shabat, da mesa com muita comida e de uma linda toalha branca. Quem não tinha onde passar o Shabat, sempre era bem-vindo à sua casa nas noites de sexta-feira e nos sábados.

José respeitava e santificava o Shabat. As pessoas o chamavam-no de "Mokir Shabes", admirador do Shabat.

Seu vizinho não se preocupava com nada, além de bens materiais. Sempre criticava José por abrir mão de um dia de trabalho, e às vezes passar necessidade durante a semana, para honrar o Shabat. Dizia que José era pobre porque desperdiçava um dia de trabalho. Criticava aos judeus, dizendo que em vez de pensar no dia a dia, trabalhavam duro durante a semana por amor ao seu feriado de Shabat. Seu vizinho dizia que desprezava os pobres porque eles não vencem na vida, por serem desocupados e tolos.

José respondeu ao seu vizinho que sabia que era pobre, mas muito feliz, principalmente por ser trabalhador e respeitar o Shabat, que era algo que lhe enchia de orgulho. Dito isto, foi embora em direção à sinagoga.

Enquanto estava na sinagoga, o vizinho de José encontrou um amigo que tinha a fama de prever o futuro. O vizinho perguntou para o amigo o que ele via nos astros. Seu amigo respondeu que a fortuna do homem se aproximava do fim. Disse que

dentro de um mês, ela passaria para as mãos de seu vizinho judeu, porque ele, o avarento, não soube aproveitar sua fortuna de maneira adequada.

Quando o avarento ouviu a previsão sobre sua fortuna, vendeu todos os seus bens e transformou sua fortuna em uma corrente de pérolas. Costurou as pérolas na parte de dentro de seu turbante e foi embora de Ashkelon, no primeiro navio que partiu do porto. Disse que sua fortuna nunca iria parar nas mãos de seu vizinho judeu.

Quando o navio estava no meio do mar, o gentio caminhava pelo convés. De repente, veio um vendaval que arrancou o turbante de sua cabeça. Ele ficou desesperado, pois viu sua fortuna ir por água abaixo. Num vendaval, o gentio perdeu toda sua fortuna. Ele chorou e arrancou os cabelos, tudo em vão. A partir daquele momento, não passava de um mendigo.

Enquanto isso, José continuava com sua vida normal. Na sexta-feira seguinte, foi ao mercado comprar comida para o Shabat. Como de costume, queria o melhor. Na banca de peixes havia um lindo linguado, que custava muito caro. Ninguém quis comprá-lo. Quando José o viu, não pensou duas vezes antes de comprá-lo. Pensou que seus convidados o ajudariam a comê-lo. Chegou em casa muito feliz e mostrou para sua esposa o que havia comprado para o Shabat. Deu um beijo nela e foi se preparar para o jantar.

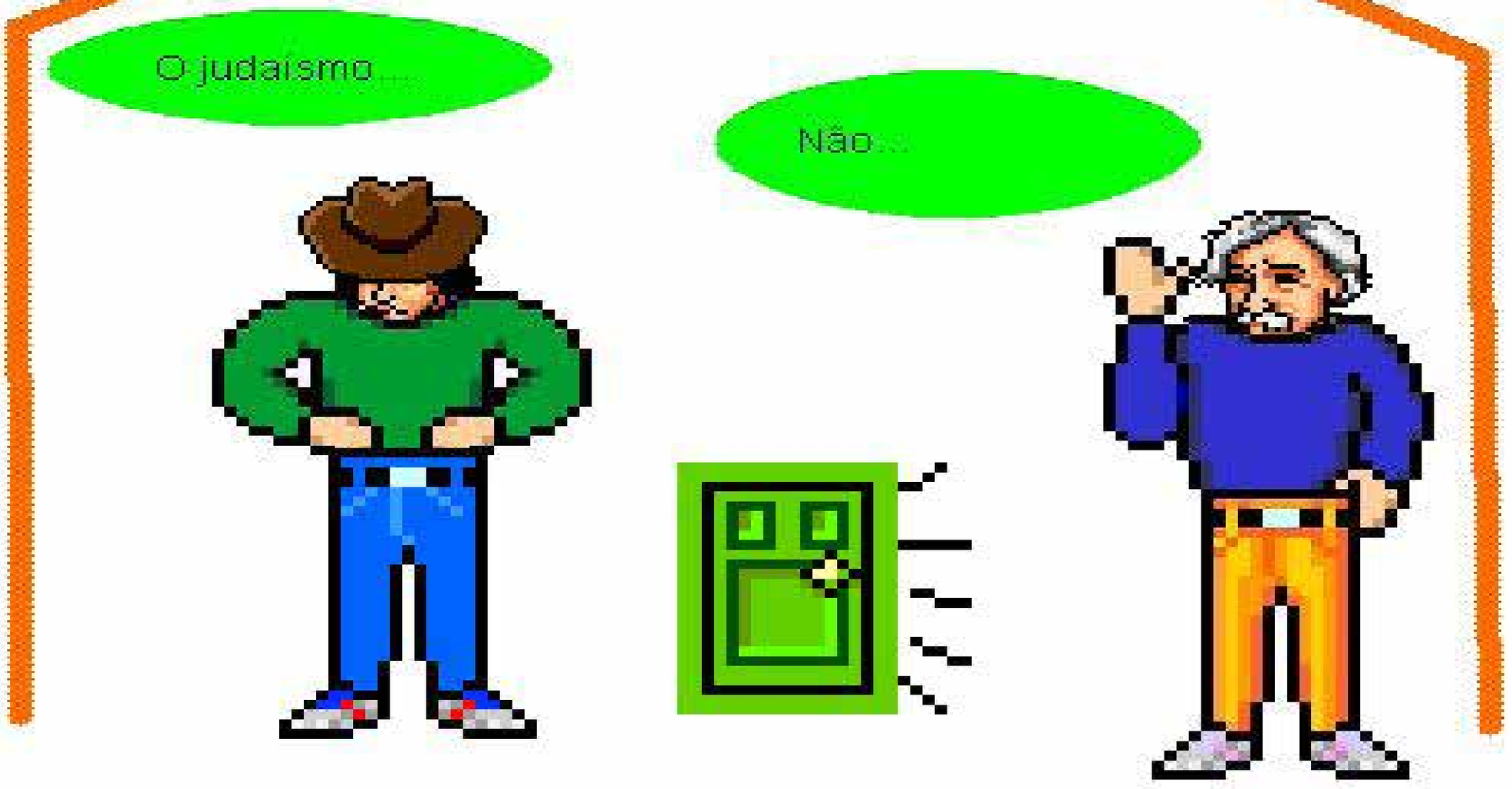
Quando estava no quarto se vestindo, ouviu sua esposa chamá-lo. José foi à cozinha e viu que dentro do peixe havia um lindo colar de pérolas.

Ficaram muito felizes, pois tinham sido abençoados com riqueza por serem justos, honestos, trabalhadores e por sua fé em Deus!



Na cidade de Ashkelon, em Israel, vivia um pobre vendedor judeu, chamado José. Um de seus maiores prazeres na vida era respeitar o Shabat. Era um bom judeu. Para Iossef José, era muito importante viver segundo as Leis da Torá. Não se envergonhava de sua religião, tinha muito orgulho de ser judeu.

JOSÉ
O HOMEM QUE AMAVA O SHABAT



José era vizinho de um homem gentio, que não era judeu. Ele era muito rico, mas também muito avarento e egoísta. Sempre que se encontravam, conversavam muito, principalmente no Shabat, quando José não trabalhava. Falavam sobre vários assuntos, principalmente sobre religião e, em especial, sobre o Shabat. Sempre comentavam sobre os valores da festa; diziam que o homem não é uma máquina, que precisa de um descanso na semana para lazer e para estar junto de sua família. Para aqueles que amam o Shabat, sua chegada a cada semana equivale à vinda de um amigo querido e estimado.



José costumava guardar uma parte do dinheiro que ganhava, todo os dias, para passar o Shabat de modo festivo. Não abria mão de uma roupa especial de Shabat, da mesa com muita comida e de uma linda toalha branca. Quem não tinha onde passar o Shabat, sempre era bem-vindo à sua casa nas noites de sexta-feira e nos sábados.

José respeitava e santificava o Shabat. As pessoas o chamavam-no de “Mokir Shabes”, admirador do Shabat.



Seu vizinho não se preocupava com nada, além de bens materiais. Sempre criticava Iossef por abrir mão de um dia de trabalho, e às vezes passar necessidade durante a semana, para honrar o Shabat. Dizia que Joséera pobre porque desperdiçava um dia de trabalho. Criticava aos judeus, dizendo que em vez de pensar no dia a dia, trabalhavam duro durante a semana por amor ao seu feriado de Shabat. Seu vizinho dizia que desprezava os pobres porque eles não vencem na vida, por serem desocupados e tolos.

José respondeu ao seu vizinho que sabia que era pobre, mas muito feliz, principalmente por ser trabalhador e respeitar o Shabat, que era algo que lhe enchia de orgulho. Dito isto, foi embora em direção à sinagoga.

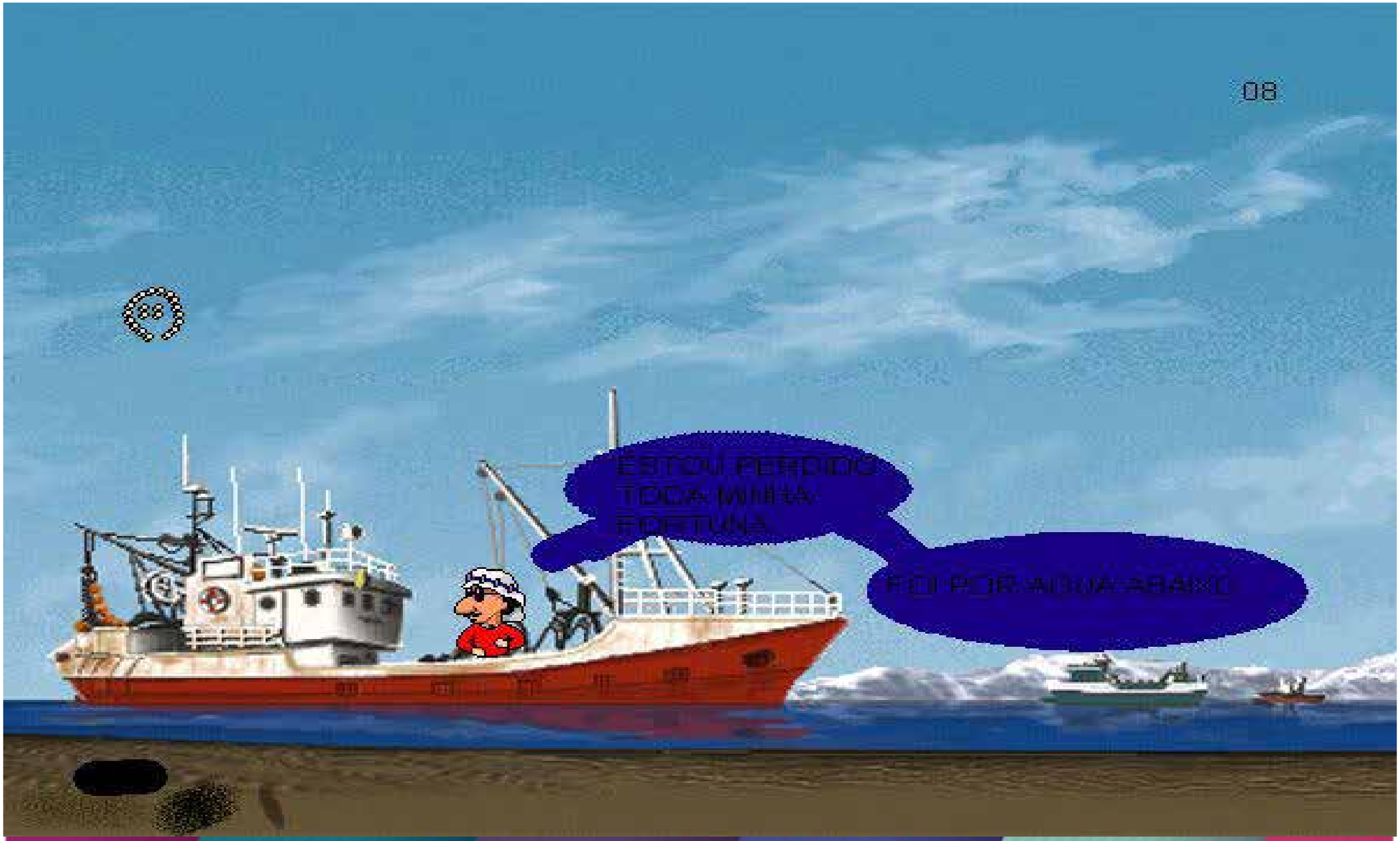
José
O HOMEM QUE AMAVA



Enquanto estava na sinagoga, o vizinho de Iossef encontrou um amigo que tinha a fama de prever o futuro. O vizinho perguntou para o amigo o que ele via nos astros. Seu amigo respondeu que a fortuna do homem se aproximava do fim. Disse que dentro de um mês, ela passaria para as mãos de seu vizinho judeu, porque ele, o avarento, não soube aproveitar sua fortuna de maneira adequada.



Quando o avarento ouviu a previsão sobre sua fortuna, vendeu todos os seus bens e transformou sua fortuna em uma corrente de pérolas. Costurou as pérolas na parte de dentro de seu turbante e foi embora de Ashkelon, no primeiro navio que partiu do porto. Disse que sua fortuna nunca iria parar nas mãos de seu vizinho judeu.



Quando o navio estava no meio do mar, o gentio caminhava pelo convés. De repente, veio um vendaval que arrancou o turbante de sua cabeça. Ele ficou desesperado, pois viu sua fortuna ir por água abaixo. Num vendaval, o gentio perdeu toda sua fortuna. Ele chorou e arrancou os cabelos, tudo em vão. A partir daquele momento, não passava de um mendigo.



Enquanto isso, José continuava com sua vida normal. Na sexta-feira seguinte, foi ao mercado comprar comida para o Shabat. Como de costume, queria o melhor. Na banca de peixes havia um lindo linguado, que custava muito caro. Ninguém quis comprá-lo. Quando José o viu, não pensou duas vezes antes de comprá-lo. Pensou que seus convidados o ajudariam a comê-lo. Chegou em casa muito feliz e mostrou para sua esposa o que havia comprado para o Shabat. Deu um beijo nela e foi se preparar para o jantar.



Quando estava no quarto se vestindo, ouviu sua esposa chamá-lo. José foi à cozinha e viu que dentro do peixe havia um lindo colar de pérolas.



Ficaram muito felizes, pois tinham sido abençoados com riqueza por serem justos, honestos, trabalhadores e por sua fé em Deus!

E talvez mais alto



TURMA 51

Alexandre Fichbein Marcon
Alice Wainberg Finkelstein
Ana Sofia Galindo Pelizzoli
Arthur Augusto Amaral Bisonhim
Arthur Gurski Leal
Bruna Henkin Lichtman
Eduardo Mendes Marcos
Eduardo Soares Sussermann
Enrique Spiguel
Fernanda Thais Rezendes Russowsky
Gustavo Dunker Aquino de Oliveira
Ilana Raizler Gandin
Isabela Hoffmeister Piltcher
Lívia Guerreiro Szajman
Lucas Pereira Sikinowski
Manuela Carangache Kijner
Martina Gus Galbinski
Matheus de Albuquerque Kersting Soares
Nicolas Anthony Stanton
Rafael Frydman Menna Barreto
Rafaella Cantergi Ghidalevich Muller
Sophia Perondi Raizler

E talvez mais alto

E talvez mais alto

Em uma pequena cidade judaica, havia um famoso rabino chamado Shmuel. O rabi era adorado e respeitado por todos da comunidade. Sempre um pouco antes de Rosh Hashaná, acontecia um grande mistério na cidade: o sumiço do rabi Shmuel. Todas as pessoas se perguntavam: onde será que o rabi está? Por que ele nos abandona numa época tão importante? Todos diziam:

- O rabi, sem dúvida, está no céu!

Certa vez, apareceu na cidade um judeu teimoso. Chamava-se Rubens. Ao ouvir falar que o rabi subia ao céu, começou a rolar no chão de tanto rir. O povo perguntou para Rubens:

- Onde você acha que o rabi está?
- Em qualquer lugar, menos no céu! Seus tolos!

Como um bom teimoso, Rubens decidiu desvendar o mistério. A casa do rabino Shmuel ficava sempre de portas abertas, e mesmo assim, nunca furtaram suas coisas. Rubens aproveitou que Shmuel estava assistindo a uma Luta de Sumô, entrou na casa do rabino e se escondeu debaixo da cama. A noite foi longa... Rubens morria de sono, mas não poderia cochilar para não perder o rabi de vista. Além disso, os ruídos dos roncos não o deixariam dormir.

Ao amanhecer, o rabi abriu o seu armário e tirou de dentro dele uma sacola cheia de fantasias. Começou a se vestir com roupas antigas, rasgadas e sujas. Parecia um mendigo. Pegou um machadinho com uma mão e, com a outra, uma sacola. Rubens não acreditava no que estava vendo, pensou até em desistir. Porém, como um bom teimoso, saiu debaixo da cama e seguiu o rabi que caminhava pela neblina, no silêncio do amanhecer, ouvindo (no seu ipod) o novo CD do Justin Biber.

O rabi Shmuel entrou na floresta, começou a cortar lenha e a colher frutos. Colocou tudo numa sacola e voltou caminhando em direção à cidade. De repente, o rabi parou na frente de uma casa muito humilde, bateu à porta e se identificou como um vendedor de lenha e de frutas:

- Bom dia!
- Quem é? - gritou uma mulher de dentro de casa.
- Eu vim vender lenha e frutas por apenas 2 reais.
- O QUÊ??? - gritou a mulher velha de dentro da casa. Só 2 reais?

- Sim.
- Obrigada! Mesmo sendo muito barato, eu não tenho como lhe pagar.
O rabi abriu a porta e entrou mesmo assim. Rubens analisava tudo, perplexo, escondido atrás da moita. Quando o rabi entrou na casa, ele foi espiar pela janela.

O suposto mendigo oferecia suas coisas para a pobre mulher. Dizia a ela para não se preocupar, pois com a ajuda de Deus ela conseguiria, um dia, pagar-lhe a dívida. Enquanto o rabi Shmuel aquecia o quarto da velha mulher com as lenhas e a alimentava com as deliciosas frutas, pronunciava - em voz baixa - as rezas dos dias de penitência, trazendo paz e esperança para o coração da mulher.

Rubens, com lágrimas nos olhos, assistia a tudo aquilo. A partir desse dia, quando alguém na cidade dizia que nos dias entre Rosh Hashaná e Iom Kipur o rabi Shmuel estava no céu, Rubens comentava: E TALVEZ MAIS ALTO!

E talvez mais alto



E talvez mais alto

O Mar de açúcar que se transformou em Mar de Sal

TURMA 52

Arthur Mentges de Bem Almeida
Arthur Vaghetti Sikinovsky
Augusto Cohen Maltchik
Beatriz Müller Stein
Carolina Magagnin Wajner
Daphine Hessel Vieira
Deborah Citrin Fernandes
Diego Ariel Behar Kwasniewski
Eduardo Hunsche Grossman
Elisa Hengemühle
Gabriel Junqueira Müzel dos Santos
Gabriela Almeida Copstein
Isabela e Oliveira Schwalm
Júlia Amon Perondi
Larissa Strelow Lima
Luiz Alberto Cohen Tvorecki
Luiza Spunberg
Rafaela Jawetz Steiner
Roberta Schvartzman Dubin
Vitória Anderson Pinto

O Mar de açúcar que se transformou em Mar de Sal

Há muitos anos, o Mar Morto tinha outro nome, o Mar de açúcar, pois era muito doce. As pessoas tinham açúcar de sobra. O sal, ao contrário, era muito difícil de se conseguir, e por isso tornou-se um artigo muito caro.
Naquele tempo, existia um homem chamado Reuven, que ficou muito rico vendendo sal. Ele tinha um ajudante chamado Shimon, que era muito pobre e fazia todo o trabalho pesado.
Um dia, Shimon estava voltando do trabalho e viu um homem deitado na rua. Parecia muito cansado e com sede. Shimon ofereceu a água que restava em seu jarro para ele beber. Ele também ofereceu, ao pobre homem, abrigo em sua casa.
Na casa de Shimon, o hóspede bebeu toda a água e comeu toda a comida que havia. A esposa de Shimon, chamada Esther, ficou preocupada, pois não teriam comida e bebida no dia seguinte.
O hóspede dormiu tranquilo, porém Shimon e Esther tiveram uma noite muito ruim, pois estavam com fome. Shimon contou para sua esposa que seria demitido no dia seguinte, porque Reuven queria um homem mais forte e jovem para trabalhar.
No dia seguinte, quando o hóspede acordou, ofereceu um jarro mágico a Shimon e lhe disse que tudo o que eles pedissem ao jarro, ele daria. Mas, para pará-lo, deveriam falar as palavras mágicas: "Cad cadeinu daieinu". Logo em seguida, Shimon pediu um ótimo café da manhã. O jarro encheu a mesa de alimentos e o hóspede, agradecido, deixou o jarro de presente para o casal. Shimon preparou um saco cheio de comida para levar ao trabalho.
Ele trabalhou tanto, que nem conseguiu comer direito. Seu chefe percebeu que ele tinha um saco cheio de alimentos e lhe perguntou como tinha conseguido toda aquela comida, já que era tão pobre.
Shimon contou-lhe a história do jarro mágico. Reuven não acreditou e quis ver tudo com os seus próprios olhos. Assim, foram juntos para a casa de Shimon.

Quando chegaram, Reuven ficou encantado com o jarro e ofereceu não demiti-lo caso Shimon lhe desse o jarro em troca do emprego. Shimon estava quase aceitando a oferta, quando sua mulher, Esther, que era muito esperta, pediu para Reuven 1.000 moedas de ouro em troca do jarro. Na hora Reuven aceitou e foi embora da casa de Shimon, feliz da vida.
Reuven entrou no barco e nem pensou duas vezes: pediu muito sal, certo de que nunca mais precisaria comprá-lo. Muito sal começou a sair do jarro, até que o barco ficou cheio e começou a transbordar. Naquele momento, Shimon se deu conta de que não sabia as palavras mágicas para fazer o jarro parar. O barco começou a afundar e Reuven conseguiu chegar até a praia.
Reuven perdeu tudo, e acredita-se - hoje em dia - que lá no fundo do Mar Morto o jarro continua a soltar sal, por isso o Mar de Açúcar transformou-se em Mar de Sal.



Há muitos anos, o Mar Morto tinha outro nome, o Mar de açúcar, pois era muito doce. As pessoas tinham açúcar de sobra. O sal, ao contrário, era muito difícil de se conseguir, e por isso tornou-se um artigo muito caro. Naquele tempo, existia um homem chamado Reuven, que ficou muito rico vendendo sal. Ele tinha um ajudante chamado Shimon, que era muito pobre e fazia todo o trabalho pesado.



Reuven avisou Shimon que em breve encontraria trabalhadores mais jovens e fortes que iriam lhe substituir.



Um dia, Shimon estava voltando do trabalho e viu um homem deitado na rua. Parecia muito cansado e com sede. Shimon ofereceu a água que restava em seu jarro para ele beber. Ele também ofereceu, ao pobre homem, abrigo em sua casa.



Na casa de Shimon, o hóspede bebeu toda a água e comeu toda a comida que havia. A esposa de Shimon, chamada Esther, ficou preocupada, pois não teriam comida e bebida no dia seguinte.



O hóspede dormiu tranquilo, porém Shimon e Esther tiveram uma noite muito ruim, pois estavam com fome. Shimon contou para sua esposa que seria demitido no dia seguinte, porque Reuven queria um homem mais forte e jovem para trabalhar.



No dia seguinte, quando o hóspede acordou, ofereceu um jarro mágico a Shimon e lhe disse que tudo o que eles pedissem ao jarro, ele daria. Mas, para pará-lo, deveriam falar as palavras mágicas: " Cad cadeinu daieinu". Logo em seguida, Shimon pediu um ótimo café da manhã. O jarro encheu a mesa de alimentos e o hóspede, agradecido, deixou o jarro de presente para o casal. Shimon preparou um saco cheio de comida para levar ao trabalho.



Ele trabalhou tanto, que nem conseguiu comer direito. Seu chefe percebeu que ele tinha um saco cheio de alimentos e lhe perguntou como tinha conseguido toda aquela comida, já que era tão pobre.
Shimon contou-lhe a história do jarro mágico. Reuven não acreditou e quis ver tudo com os seus próprios olhos.
Assim, foram juntos para a casa de Shimon.



Quando chegaram, Reuven ficou encantado com o jarro e ofereceu não demiti-lo caso Shimon lhe desse o jarro em troca do emprego. Shimon estava quase aceitando a oferta, quando sua mulher, Esther, que era muito esperta, pediu para Reuven 1.000 moedas de ouro em troca do jarro. Na hora Reuven aceitou e foi embora da casa de Shimon, feliz da vida.



Reuven entrou no barco e nem pensou duas vezes: pediu muito sal, certo de que nunca mais precisaria comprá-lo. Muito sal começou a sair do jarro, até que o barco ficou cheio e começou a transbordar. Naquele momento, Shimon se deu conta de que não sabia as palavras mágicas para fazer o jarro parar. O barco começou a afundar e Reuven conseguiu chegar até a praia.



Reuven perdeu tudo, e acredita-se - hoje em dia - que lá no fundo do Mar Morto o jarro continua a soltar sal, por isso o Mar de Açúcar transformou-se em Mar de Sal.

Na 2ª edição do projeto “Histórias contadas de criança para criança”, temos como produto um lindo e-book de contos e lendas da tradição judaica, cujas formas de representação foram de inteira responsabilidade de cada uma das turmas do Ensino Fundamental 1 do Colégio Israelita Brasileiro.

Velhas e significativas histórias ficam ainda mais vivas ao serem recontadas por crianças que, através da tecnologia que tanto dominam, ressignificam o legado cultural de que são fruto e difundem pelo mundo seu olhar e suas raízes.

Mônica Timm de Carvalho
Diretora Geral

